

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/336702092>

Afinal, O Que Pode Fazer O Psicólogo Escolar?

Article in *Estudos de Psicologia (Campinas)* · July 1987

CITATIONS

2

2 authors, including:



[Raquel Souza Lobo Guzzo](#)

PUC Campinas

135 PUBLICATIONS 508 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Descolonizando a Psicologia: processos de participação na escola e comunidade. [View project](#)



Políticas de Ações Afirmativas e Descolonização da Psicologia: contribuições do pensamento crítico africano [View project](#)

AFINAL, O QUE PODE FAZER O PSICÓLOGO ESCOLAR?

Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Raquel Souza Lobo Guzzo*

Dentro da estrutura educacional brasileira, existe um espaço que precisa ser preenchido: o da Psicologia Escolar. É uma área quase desconhecida pela grande maioria dos profissionais de Educação, sejam eles professores, diretores, burocratas das Delegacias de Ensino ou estudantes de Pedagogia. E até mesmo os livros de Orientação Educacional têm uma visão ultrapassada e restrita em relação ao trabalho que pode ser desenvolvido pelo Psicólogo Escolar.

A idéia basicamente difundida, tanto no meio popular e escolar quanto entre alguns Psicólogos, é a de que um Serviço de Assistência Psicológica na escola deveria funcionar com a finalidade de detectar e solucionar os problemas emocionais, de aprendizagem ou de comportamento apresentados pelos alunos, ou seja, um modelo voltado para a Psicologia Clínica. Ao contrário, o Psicólogo Escolar deve ter objetivos mais amplos do que remediar problemas individuais.

Se o trabalho do Psicólogo na escola se restringir ao atendimento do aluno-problema, tentando diagnosticar e modificar comportamentos considerados inadequados, estará não só limitando sua atuação, a qual poderia, se de outra forma, atingir um número muito maior de estudantes, como também estará contribuindo diretamente para a manutenção do modelo educacional vigente e que é a origem e a causa de muitos dos problemas encontrados nas escolas. Atuando dessa maneira, o

PSICÓLOGO

Rennes Marçal Ribeiro
e Souza Lobo Guzzo*

brasileira, existe um
Psicologia Escolar. É
maioria dos profissio-
diretores, burocratas
de Pedagogia. E até
têm uma visão ultra-
que pode ser desenvol-

tanto no meio popular
é a de que um Serviço
veria funcionar com a
problemas emocionais, de
representados pelos alunos,
Psicologia Clínica. Ao con-
ativos mais amplos do

escola se restringir ao
do diagnosticar e mo-
adequados, estará não
ia, se de outra forma,
adantes, como também
manutenção do modelo
a causa de muitos dos
ando dessa maneira, o

Psicólogo estará adotando uma posição alienada, esquecendo-se de que os problemas são muitas vezes criados pela própria estrutura da escola, pelo próprio sistema educacional afetando o processo ensino-aprendizagem.

Cabe aqui um esclarecimento de que existem alunos com problemas, os quais necessitam de um acompanhamento por parte de um Psicólogo Clínico. Certamente que o Psicólogo Escolar não deixará de usar seus conhecimentos para ajudar esses alunos. A questão é que se trata de uma abordagem distinta da de sua função num estabelecimento de ensino; portanto, detectando tal problema, deverá orientar os professores e pais do aluno para que este possa realizar um tratamento clínico adequado com um profissional especializado nesta área.

O trabalho do Psicólogo Escolar deveria ser mais a nível preventivo do que remediativo. É uma atuação profilática, enquanto que o atendimento clínico é terapêutico. O Psicólogo Escolar passaria a ser um especialista que colabora com outros especialistas, fazendo parte da equipe de profissionais que atua como uma entidade global, mesmo com funções distintas.

Mas, concretamente, o que poderia fazer o Psicólogo Escolar?

A equipe da escola, juntamente com os professores, enfrenta problemas das mais variadas espécies, evidenciados principalmente pelas dificuldades que os alunos têm para aprender. Essas dificuldades não são facilmente identificadas e sob o "estigma" — "esse não aprende" — pouco ou nada é feito pela criança que entra assim na rota infalível do "insucesso acadêmico", a marginalização cultural e social.

Atuar com as dificuldades de aprendizagem e ao mesmo tempo prevenir que um número maior de crianças não sejam rotuladas como portadoras desse mesmo problema, tem-se tornado um desafio para uma equipe multidisciplinar na escola pública e principalmente para o Psicólogo Escolar.

As crianças com dificuldades de aprendizagem são aquelas que aprendem devagar ou que não aprendem como a maioria dos alunos, ou melhor, como a professora esperava que aprendessem, ou ainda... como os pais esperavam que aprendessem. Essas crianças necessitam de cuidados especiais, às vezes de programas especiais. Elas podem ser lentas, dispersas, irrequie-

tas, indisciplinadas ou mesmo agressivas. Elas se comportam de maneiras diferentes e quase sempre depois de uma análise constatada-se que essas maneiras de se comportar estão relacionadas à sua dificuldade para aprender e ao sentimento negativo que daí decorre.

As causas das dificuldades de aprendizagem são agrupadas nas seguintes classes:

As causas cujas origens estão voltadas para **experiências insatisfatórias**, ou seja, a criança tem dificuldade para aprender porque se desenvolve sob condições adversas de vida, experiências dolorosas, principalmente relacionadas a aspectos afetivos de seu desenvolvimento;

As causas que advêm de **carências de experiências**, quando a criança tem dificuldade por não ter sido suficientemente estimulada, foram pobres suas experiências de vida;

As causas advindas do **processo de ensino** — a criança apresenta dificuldade para aprender porque o professor a ensina de uma forma não adequada para suas necessidades.

Há ainda as causas de **origem física**, ou seja, a criança tem dificuldades para aprender porque tem grandes limites físicos ou neurológicos "e que são associados a desvios de função do sistema nervoso central. Esses desvios podem manifestar-se por diversas combinações de deficiências na percepção, linguagem, memória e controle de atenção, de impulso ou de função motora (CLEMENTS, 1966)".

É necessário que professores e técnicos de educação ensinem as crianças a utilizar da melhor forma possível suas habilidades, conheçam as causas das dificuldades de aprendizagem e não permitam que os alunos simplesmente "engulam" conteúdos programados para uma realidade tão diferente e tão distante dela. É uma área de muito trabalho para o Psicólogo.

Além desse campo específico de Aprendizagem, o Psicólogo Escolar poderia realizar trabalhos junto a professores, pais e diretores, com programas de treinamento ou orientação, onde seria desenvolvido melhor sistematização de processos a serem utilizados na assistência aos alunos. O mesmo tipo de trabalho poderia ser desenvolvido especificamente para a avaliação e treinamento de professores, os quais aumentariam suas potencialidades e aprimorariam sua metodologia de ensino.

Junto aos alunos, se escola e ao estudo, assim co adolescência, orientação sexual

Em relação a criança tanto junto a alunos com dificuldade, como junto a crianças do para avaliar sua prontidão para atuar na orientação psicomot nessa área.

O Ensino Especial tável com a atuação do Psic especiais, na avaliação psicológ dos alunos, no acompanhamento ensino regular e na orientação sidade de ensino especial.

Sem querermos ser buições dadas por um Psicólc não podemos deixar de menci reformas educacionais e no pl res; como pesquisador no cam blemas e sugerindo soluções; cional do professor em relação

Ao professor cabe u to, por ser o intermediário er clientela — os alunos. Funcion de uma ideologia dominante e os conflitos que emergem dess ção escolar (Mansur in Khouri de trabalho, muitas vezes corr classe, os professores, no exerc rimentam solidão, desânimo e alguns de seus mais elementare

Enquanto alguns viv mo alheios a si, outros tentar Buscam a renovação de suas p clar-se, conhecer melhor e ma da sala de aula para melhorar tram. Esses professores, diretor número reduzido em nossa sc

comportam de
 me análise cons-
 e relacionadas à
 negativo que daí
 agem são agru-
 e para experiên-
 idade para apren-
 es de vida, expe-
 e aspectos afeti-
 de experiências,
 sido suficiente-
 es de vida;
 ensino — a criança
 professor a ensina
 ades.
 ou seja, a criança
 andes limites ffsi-
 desvios de função
 em manifestar-se
 percepção, lingua-
 so ou de função
 icos de educação
 ma possível suas
 des de aprendiza-
 mente "engulam"
 ão diferente e tão
 ra o Psicólogo.
 rendizagem, o Psi-
 nto a professores,
 to ou orientação,
 ão de processos a
 O mesmo tipo de
 ente para a avalia-
 aumentariam suas
 gia de ensino.

Junto aos alunos, seriam discutidas questões ligadas à escola e ao estudo, assim como problemas característicos da adolescência, orientação sexual e orientação profissional.

Em relação a crianças, poderia atuar na alfabetização, tanto junto a alunos com dificuldades em acompanhar o método, como junto a crianças do fim do jardim ou do pré-primário, para avaliar sua prontidão para a alfabetização. Também poderia atuar na orientação psicomotora para crianças com dificuldades nessa área.

O Ensino Especial teria uma ajuda valiosa e indispensável com a atuação do Psicólogo na organização das classes especiais, na avaliação psicológica e no desenvolvimento mental dos alunos, no acompanhamento da criança para o retorno ao ensino regular e na orientação da família do aluno com necessidade de ensino especial.

Sem quereremos ser enfadonhos citando tantas contribuições dadas por um Psicólogo atuante na área educacional, não podemos deixar de mencionar o seu papel fundamental nas reformas educacionais e no planejamento de currículos escolares; como pesquisador no campo da Educação, detectando problemas e sugerindo soluções; no desenvolvimento afetivo-emocional do professor em relação a seus alunos; etc.

Ao professor cabe um importante papel nesse contexto, por ser o intermediário entre as propostas do sistema e a clientela — os alunos. Funciona, assim, como agente reprodutor de uma ideologia dominante e ao mesmo tempo anteparo para os conflitos que emergem dessa imposição de fatores à população escolar (Mansur in Khouri, 1984). Sem condições mínimas de trabalho, muitas vezes com número excessivo de alunos em classe, os professores, no exercício diário de suas funções, experimentam solidão, desânimo e mesmo impotência para resolver alguns de seus mais elementares problemas.

Enquanto alguns vivem os problemas educacionais como alheios a si, outros tentam assumir e contornar situações. Buscam a renovação de suas práticas educativas, procuram reciclar-se, conhecer melhor e mais profundamente seus problemas da sala de aula para melhorar a qualidade do ensino que ministram. Esses professores, diretores, supervisores e técnicos são em número reduzido em nossa sociedade educacional. Eles encon-

tram resistência dentro das suas próprias instituições e, diante de pressões e dificuldades, o ciclo da inadequação se repete por exclusiva falta de apoio às iniciativas de mudanças.

Dá que o Psicólogo Escolar deve ser um Educador por excelência, não só porque pode desempenhar papel vital na formação de professores e alunos através do seu contato diário com os corpos docentes, discente e administrativo, mas porque atualmente a estrutura do sistema educacional está voltada para o "técnico-burocrático" em detrimento do educador. Está voltado mais para a informação do que para a formação. Faz desaparecer todo questionamento em torno dos problemas sociais, políticos e econômicos que repercutem na escola. O senso crítico de nossos alunos é desestimulado e o comportamento considerado adequado é o da "submissão", do "não-questionamento", do "não pensar", dos "testes de múltipla escolha".

O envolvimento do Psicólogo com a situação do ensino tem de ser caracterizada como uma atuação social e política que considere a necessidade de discutir os limites da Educação buscando integrar valores sociais, comunitários e individuais.

O Psicólogo Escolar tem um papel importante dentro do nosso sistema educacional: o de ser um transformador que colabore ativamente para que nossos alunos sejam educados num modelo que valorize a criatividade e o pensar e respeite a individualidade de cada um.

BIBLIOGRAFIA

- CLEMENTS, S. D. — *Minimal Brain Dysfunction in Children*. NINDB Monograph nº 3 (USPHS Publication nº 1415). Washington, D. C.: U. S. Department of Health, Education, & Welfare, 1966.
- GUZZO, R. S. L. — *Eficiência de um treino em linguagem oral: desenvolvimento do repertório básico para alfabetização*. Tese de Mestrado. Instituto de Psicologia da USP, 1981.
- GUZZO, R. S. L. — *Reflexões sobre a prática do psicólogo escolar na rede pública: assessoria ao ciclo básico de alfabetização*. Trabalho não publicado, 1984.

ias instituições e, diante adequação se repete por mudanças.

deve ser um Educador desempenhar papel vital na s do seu contato diário ministrativo, mas porque acional está voltada para do educador. Está volta- a formação. Faz desapa- os problemas sociais, po- a escola. O senso crítico comportamento conside- "não-questionamento", a escolha".

com a situação do ensi- atuação social e política os limites da Educação ritários e individuais.

papel importante dentro r um transformador que alunos sejam educados e e o pensar e respeite a

A
Dysfunction in Children. S Publication nº 1415). ent of Health, Education,

reino em linguagem oral: básico para alfabetização. de Psicologia da USP,

prática do psicólogo esco- ciclo básico de alfabetiza-

LEITE, S. A. S. — **Alfabetização: Um Projeto Bem Sucedido.** São Paulo: Edicon, 1982.

WITTER, G. P. — **O Psicólogo Escolar: Pesquisa e Ensino.** Tese de Livre Docência. Instituto de Psicologia da USP, 1977.

KHOURI, Y. G. e cols. — **Psicologia Escolar.** São Paulo: E. P. U., 1984.